

# YOGA NO MUSEU: SOMAESTÉTICA E ENSINO DE ARTE

Luciana Mourão Arslan

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

luciana.ars.land@gmail.com

## RESUMO

O texto apresenta um exemplo de como o constructo da Somaestética pode contribuir para o ensino de artes visuais. Organizado em três partes, este artigo primeiro expõe o projeto de pesquisa *Yoga no Museu* que consiste em uma prática corporal inspirada no yoga seguida de uma mediação do Museu Universitário de Arte (da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, Brasil). Na sequência, disserta como a Somaestética pode melhorar as experiências estéticas, que dependem de aspectos sensoriais, corporais, somáticos. Finalmente, aponta como o projeto pretende ser apenas um exemplo de como a Somaestética pode contribuir para boas práticas no campo do ensino de arte.

Palavras-chave: experiência estética; somaestética; atenção-plena; yoga.

## 1. APRESENTAÇÃO

É comum que tenhamos receio e certa resistência a novas abordagens metodológicas ou novas teorias; ainda mais em campos já repletos de referências, como no ensino de arte. No entanto, as práticas de ensino e artísticas estão em transformação constante e pedem ou abordagens inovadoras, ou novas interpretações das teorias construídas em outros tempos. São essas novas perspectivas que permitem reconhecer e legitimar ações e práticas que surgem na contemporaneidade. O constructo teórico que apresento – a Somaestética – é um desses casos, pois não se trata de algo “novo”; antes, é um modo de revisitar outras teorias que já fazem parte da tradição de estudos da arte e de seu ensino – as teorias de John Dewey e Michel Foucault, a Estética Pragmatista e uma linhagem antiga e menos hegemônica da estética. Do modo como reapresenta e reúne tais estudos, a Somaestética permite repensar concepções de arte e procedimentos de seu ensino. Neste texto, por exemplo, apresentamos como a Somaestética nos ajudou a elaborar uma mediação de arte através de um trabalho somático (corporal) que *prepara* o soma(corpo) do visitante para a experiência de ver trabalhos de arte.

Apresentamos aqui alguns propósitos da Somaestética por intermédio da prática educativa *Yoga no Museu*, que explicita as bases e os princípios norteadores dessa teoria que pode oferecer muitas contribuições ao ensino de arte.

## 2. YOGA NO MUSEU: APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

Tradicionalmente, foi cultivada a ideia de que, no museu, os visitantes precisam ser descorporificados e se comportarem como “múmias pensantes”. Em museus de arte, quase num ato de tortura, eles se sentem à vontade para mover livremente apenas os olhos, enquanto o resto do corpo se movimenta com muita moderação, rigidez e contenção. Mesmo ante tantos corpos livres e loucos representados nas obras, o corpo do visitante, no museu de arte, muitas vezes deve ficar comportado, “pensar mentalmente” sobre arte. Assim, visitam as exposições muitos corpos endurecidos e gelados pelo ar-condicionado. A coreografia tradicional do visitante de museu é a de um corpo contido, com movimentos discretos.

Não é raro sentir exaustão após visitar um museu de arte de grande porte. O corpo dói. Dá vontade de correr para um massagista, direto. Mas o pior é que a experiência diante das obras se reduz: quando estamos cansados, nossos sentidos se contraem e, com um corpo tenso, a experiência se encolhe.

Então, como seriam os museus cheios de sofás? Se os visitantes pudessem entrar no museu de arte e respirar mais profundamente, mais leve, mais pesado; ou ainda se pudessem relaxar num tapete ou sofá; dar suspiros altos e em bom som; ser afetados. E se pudessem compartilhar suas experiências com os outros visitantes? Abraçando-os, encostando a cabeça em seus ombros para se consolarem de algumas emoções fortes que lá sentem. Como seria?

Felizmente isso já ocorre em muitos museus que percebem a importância de promover conforto corporal para seus visitantes e colocam cafés integrados aos espaços expositivos ou favorecem jogos de mediação onde o visitante é convidado a fazer gestos, mover-se, usar o corpo em atividades de interpretação. O educativo do Museum of Modern Art -MoMA<sup>1</sup>, por exemplo, assume a influência de Dewey em suas mediações e promove muitas ações que propiciam a movimentação corporal. Muitas destas mediações convidam a um *engajamento corporal* na interpretação das obras: são divertidas e claramente eficientes. No entanto, no projeto *Yoga no Museu* as ações corporais ocorrem antes mesmo da mediação e anteriormente à interpretação das obras, pois acreditamos que através do yoga o corpo fica num estado mais propício para a experiência estética. Neste projeto, pensamos que o soma(corpo) do visitante pode ser preparado para a experiência estética através de práticas integrativas como o yoga. Ressalta-se, neste sentido, que não se trata apenas de responder corporalmente à uma determinada obra de arte, mas de trabalhar o soma(corpo) para que este possa ter melhores experiências estéticas (dentro ou fora do museu). No

1. Um exemplo sobre mediações que trabalham com respostas corporais é o artigo escrito HUBARD(2007).

nosso caso, resolvemos investigar como esse trabalho somático (corporal) melhora as experiências estéticas diante das obras expostas no Museu.

O projeto *Yoga no Museu*<sup>2</sup> iniciou-se em setembro de 2016. Começou como ação educativa do Museu aberta à comunidade. Consistia de uma prática corporal inspirada no yoga seguida de uma visita mediada no MUnA. Em 2017, esse projeto passou a integrar um curso de formação continuada<sup>3</sup> para professores com foco no autocuidado do docente.

Como uma ação vinculada ao grupo de pesquisa SOMAestética,<sup>4</sup> desde seu princípio o *Yoga no Museu* objetiva conciliar práticas somáticas com leituras de obras de arte. Nossa hipótese central é que proporcionar desenvolvimento sensorial, (aliado à práticas de atenção plena), pode melhorar a experiência ante os trabalhos artísticos. Mais amplamente, pretendemos sistematizar uma prática que mostre como os aspectos somáticos (corporais) podem facilitar uma experiência mais significativa de aprendizagem da arte.

Embora ocorra no espaço de um museu, tal projeto vislumbra apresentar um exemplo de como o constructo teórico da Somaestética (veja item 3, a seguir) pode contribuir significativamente para o ensino de Artes Visuais. Pensamos que tal associação entre soma(corpo) e experiência estética pode ser expandida para outros espaços, pois a ideia central é a de que a experiência somática é essencial para a experiência estética.<sup>5</sup>

Figura 1 e 2: Participantes de atividade de yoga no MUnA em 2016



Fonte: fotografia de Janice Silveira

No seu início, ainda numa versão piloto, o *Yoga no Museu* promovia trinta minutos de prática de yoga e trinta minutos de leitura de obra de arte. As práticas eram realizadas sem inscrições prévias. Os encontros ocorreram às sextas-feiras e foram abertos aos interessados em arte ou yoga ou em ambas. Visitantes recebiam orientações baseadas no yoga, depois conversavam sobre as obras com o auxílio de um mediador.

Logo após um mês de prática, nesta versão inicial do projeto, descobrimos que poderíamos selecionar posturas de yoga ou sequências de movimentos que estivessem cada vez mais relacionados com as obras a ser observadas depois. Por exemplo, em um encontro propusemos o tema tempo, que foi tanto o eixo da prática do yoga quanto o da leitura de obra (QUADRO 1). Com essa experiência, chegamos a uma estrutura básica que poderia ser repetida em outros encontros, segundo quadro a seguir.

Com essa estrutura de encontro, resolvemos ampliar o tempo das atividades e abrir inscrições para formar uma turma única. A criação de um grupo mais estável coincidiu com a aprovação do projeto pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais/FAPEMIG.

2. A ideia inicial do projeto *Yoga no Museu* surgiu de uma experiência de pesquisa (com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES) na Florida Atlantic University, Estados Unidos, onde realizei pós-doutorado. As aulas de yoga oferecidas pelo Recreation Center da universidade eram uma atividade “extra” aos estudos do Center for Body, Mind and Culture. Aos poucos, durante esse período de estudos, notei que o yoga (praticado cinco vezes por semana, à noite) ajudava a melhor utilizar os sentidos e proporcionava mais energia para o estágio em terra estrangeira. Ao retornar ao Brasil e às atividades da Universidade Federal de Uberlândia, idealizei o projeto *Yoga no Museu*, criado como ação do grupo de pesquisa SOMAestética, então recém-aberto.

3. O curso Educação Ambiental a partir do Autocuidado: uma Visão Transdisciplinar visa ao desenvolvimento da educação básica pública e à formação continuada de profissionais desse nível educacional da rede pública.

4. O projeto conta com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) – bolsa de iniciação científica para a aluna de graduação Emyli de Sousa.

5. O projeto *Yoga no Museu* tem apoio da pesquisadora Nikoleta Kerinska, que como coordenadora do Museu, acreditou na proposta e a apoiou desde o início. Além disso, a estudante de psicologia da Universidade Federal de Uberlândia Emyli Souza, que estava completando um curso de formação em yoga, aceitou orientar as práticas corporais e, depois, participar como pesquisadora do projeto.

Quadro 1: Estrutura e exemplo dos encontros<sup>6</sup>

<b>Estrutura</b>	Um tema que guia o encontro: antes de iniciar a prática, propomos uma conversa sobre um tema.	Prática inspirada no yoga que se relacione com o tema	Observação, conversa e/ou atividade sobre uma obra que se relacione com o tema
<b>Exemplo de prática</b>	Tendo o tempo com tema, conversamos informalmente sobre a mediação do tempo, como o sentimos e o surgimento de movimentos na cidade que propõem que as coisas sejam feitas em um tempo mais lento como <i>slow food</i> <sup>6</sup> , que propõe um preparo lento dos alimentos.	Na prática de yoga, propusemos a REPETIÇÃO da saudação ao Sol do modo mais devagar possível, depois repetimos a mesma série rapidamente.	Realizamos uma mediação para duas obras abstratas tentando imaginar o tempo do gesto e feitura delas. Com tinta e pincel, os visitantes puderam experimentar fazer uma forma bem lentamente e outra igual, porém com mais rapidez.

A Somaestética, (apresentada no item 3 deste texto) que orienta a nossa pesquisa, ajuda-nos a reconhecer como a prática do yoga auxilia no desenvolvimento e manejo dos sentidos e a identificar que o corpo fica “mais vivo” e “desperto” após realizar posturas, meditações e exercícios de respiração. Outras práticas somáticas poderiam ter a mesma potência e servir à pesquisa; mas o critério de escolha do yoga para esse projeto é que ambas as pesquisadoras responsáveis eram praticantes e faziam curso de formação em yoga.

Ainda que o yoga venha de uma cultura distinta e seja permeado por uma estrutura filosófica e religiosa forte, entendemos que, no mundo ocidental, essa prática assumiu características multiculturais e híbridas; e que permanece potente mesmo quando descontextualizada ou praticada de forma fragmentada. Assim, avaliamos que o yoga poderia ser praticado no contexto de aprendizagem no Museu sem que se ferissem os princípios: nem do yoga e nem do Museu Universitário de Arte (que assume seu papel laico).

Figura 3, 4, 5 e 6: Participantes do Yoga no MUnA, 2017



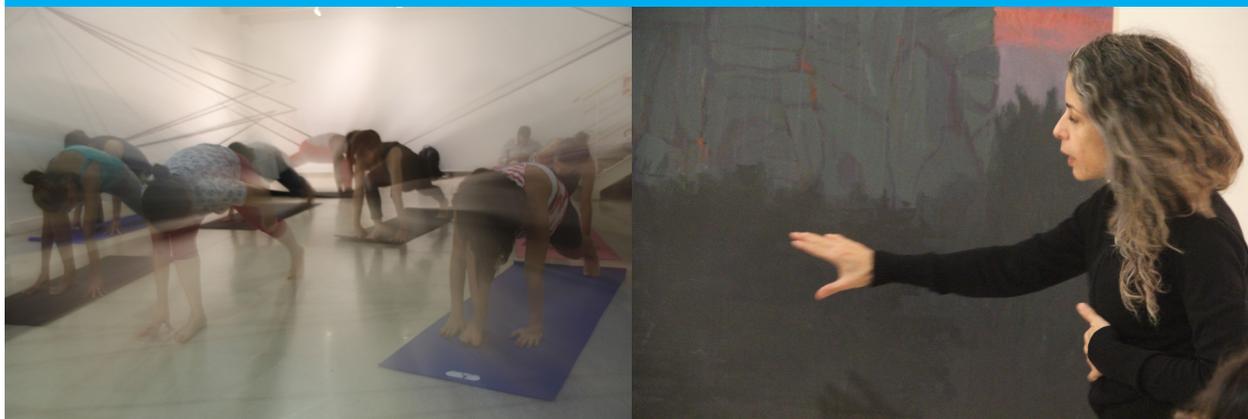
Fonte: fotografia de Paulo Augusto Soares

No caso do *Yoga no Museu*, decidimos trilhar proposições práticas seguidas de conversas e entrevistas para, então, avaliar o aprimoramento dos sentidos. A observação dos visitantes que participam do projeto é essencial para avaliar como ocorre a colaboração entre prática corporal e apreciação das obras. Observamos se os participantes mantêm mais a concentração nas obras com a sucessão dos encontros ou de que forma suas feições, seus rostos e suas falas demonstram prazer, compreensão e envolvimento nas práticas de leitura de obras que se sucedem após a prática do yoga.

6. O termo inglês *slow food*, que pode ser lido literalmente como comida lenta, designa um movimento e uma organização não governamentais fundados por Carlo Petrini (1986).

Decidimos eleger, para nossa observação e análise, três aspectos principais: 1) aumento do foco e da atenção na interação com as obras; 2) intensidade e prazer na experiência de visitar o museu; 3) reconhecimento das sensações corporais nas atividades de leitura de obras e na prática do yoga. Visto que tais aspectos pedem avaliação complexa, estamos pesquisando sobre quais formas nos permitem mensurá-los e sobre como selecionar parâmetros para entrevistas e orientar a observação dos participantes de forma sistemática. Pelo contexto desse projeto de pesquisa, priorizamos iniciar o projeto para, então, concomitantemente construir os caminhos de análise. Entendemos que criar os instrumentos metodológicos é parte integrante da pesquisa e que tais instrumentos devem ser criados junto com as práticas. Por exemplo, com o consentimento dos participantes temos feitos muitos registros fotográficos que nos permitem reconhecer como após a prática do yoga os participantes parecem mais relaxados e concentrados nas atividades de interpretação das obras.

Figura 7 e 8: Participantes e Mediador do Yoga no MUnA, 2017



Fonte: fotografia de Paulo Augusto Soares.

Por fim, é importante ressaltar que tal pesquisa tem sido compartilhada com os participantes para que possam reconhecer as experiências somáticas (que questionam a dicotomia entre corpo e mente). É relevante que as experiências estéticas significativas e transformadoras sejam percebidas, também, pelos visitantes a fim de que estendam a experiência do *Yoga no Museu* a outras instâncias de suas vidas cotidianas.

### 3. APRESENTANDO A SOMAESTÉTICA

Acreditamos, a princípio, que através da prática corporal (somática) o visitante pode desenvolver leituras de obras de arte mais atentas e ter uma experiência mais significativa no museu. Pensamos no museu como espaço para potencializar sentidos e emoções passíveis de ser construídos cognitivamente, através de uma consciência somática (corporal) maior. Ademais, desejamos que o participante do *Yoga no Museu* possa reconhecer seu desenvolvimento pessoal e seu bem-estar integral e somático nesse espaço: reconhecer o Museu como lugar de aprimoramento do “corpo vivo” – capaz de sentir.

O campo de estudos da Somaestética foi fundamental para edificar esse projeto e desenvolvê-lo. Criada pelo filósofo estadunidense Richard Shusterman<sup>7</sup> a Somaestética une as palavras soma e estética. Soma reporta-se a um corpo integral: músculos, cérebro, mente, órgãos, sensações, memórias afetivas e corporais. O soma inclui uma compreensão ampla do corpo em toda sua extensão, ou seja, que vai além dos limites da pele, pois o corpo depende do ar, da integração e da conexão com o mundo circundante, da interação com a temperatura, com as emoções e todo o contexto que o envolve (e o afeta). A concepção de soma é mais adequada para se referir a um “corpo vivo”, visto que a palavra corpo sempre está mais associada com carne ou a um corpo físico, que estaria separado das ideias e das fantasias, por exemplo. Para compreender a diferença entre corpo e soma, podemos pensar que o vocábulo corpo pode até ser empregado como sinônimo de cadáver – um corpo pode estar morto; além disso, pode usada em oposição a mente ou espírito – no senso comum, a oposição corpo *versus* mente aparece em muitos contextos. Neste artigo, utilizamos soma (corpo)<sup>8</sup> em vez de corpo porque, para o soma, são inseparáveis o corpo físico, a energia vital, a carne, os órgãos, as ideias, os impulsos instintivos, a inteligência e a memória.

A noção de soma é importante para compreender a essência do projeto *Yoga no Museu*. Não se trata de desenvolver músculos nem proporcionar alongamento na galeria de arte. Antes, trata-se de considerar que nossa musculatura, nossa respiração, a

7. Professor e diretor do Center for Body, Mind and Culture, da universidade Florida Atlantic University, nos Estados Unidos, Richard Shusterman é uma espécie de filósofo nômade por abordar temas não vistos como tradicionais na filosofia; por exemplo, o rap, a comida e a gastronomia. Na França, ele é referido como *passeur culturel*. Numa tradução literal para o português, seria um “passante cultural”; numa tradução menos literal, seria um “traficante cultural”, pois ele passa a cultura através de fronteiras. Seus livros estão publicados em países como Coreia do Sul e China, Alemanha e França, Brasil e Japão, dentre outros. Referências a publicações e biografia estão disponíveis no *website* daquela instituição.

8. A opção de não escrever apenas soma se justifica pelo desejo de que este artigo seja de leitura fácil e acessível, isto é, que não tenha terminologias específicas que possam interromper a fluidez da leitura.

capacidade de nos movermos ou ficarmos parados, nosso fluxo sanguíneo, a circulação de energia e a prontidão de nossos sentidos, por exemplo, são aspectos corporais conectados aos atos de sentir emoções, pensar reflexivamente e se relacionar com outras pessoas e outros locais. Mesmo em museu de artes visuais, onde se acredita na primazia da atividade do olhar e do pensar, o soma (corpo) tem de ser considerado porque essas ações – ver e pensar – não ocorrem isoladamente; muitos estudos da filosofia – como os de Shusterman – ou da neurociência – a exemplo dos de António Damásio – afirmam a interação corpo–mente no processo de cognição e pensamento.

A palavra estética no nome Somaestética se relaciona com a Estética Pragmatista, que admite como legítimas as experiências estéticas que ocorrem numa relação direta com a vida e que dependem de uma relação somática, sensorial. Vale destacar que certa dimensão perceptiva e sensorial se fazia presente nos princípios da disciplina Estética. Conforme Shusterman (1999: 301), o vocábulo estética, proposto originalmente por Alexandre Baumgarten, deriva do grego *aisthesis*, ou percepção sensorial. Baumgarten – como esclarece Shusterman – postulou que a estética, como campo de estudos específicos, fosse uma ciência da cognição sensorial; embora seguisse uma tradição mais racional que entendia o corpo como máquina e o relacionasse apenas com as faculdades mais “baixas” do sentido. Ao retomar essa disciplina sensorial, Shusterman incorpora algumas ideias que mostram como as faculdades do sentido não estão desvinculadas do cérebro, nem da mente e nem da cognição. Dewey (1987), por exemplo, argumenta que existe cognição nas faculdades do sentido do corpo; enquanto William James (1918) afirma que o corpo aprende ou “pensa” também.

Assim, na Somaestética, a concepção da Estética permite compreender como legítimas as experiências estéticas em uma relação engajada, na qual a arte não esteja “separada” da vida somática e cotidiana nem numa relação de distanciamento. Situações que podem proporcionar experiências estéticas nessa perspectiva incluem o carnaval, os rituais e as cerimônias. Iguualmente, a experiência de ler trabalhos de arte na perspectiva da Somaestética se caracteriza como experiência não só ótica ou cerebral, mas também multissensorial e que depende de todo o soma (corpo). É o que sugere o relato de um educador de um museu de arte do México que forneceu uma bela anedota:

“Recebi um grupo no museu que pretendia conhecer o espaço e firmar seu patrocínio nas exposições do acervo. Fiquei responsável por mediar essa visita, que era de grande importância para o museu. Todos os visitantes desse grupo tinham conhecimento da arte, por isso andamos por salas diversas. Em cada uma, eles pontuavam questões de uma obra. Assim, fizemos um percurso longo pelo museu todo. Quando, após mais ou menos uma hora e meia, decidimos parar no café do museu para descansar um pouco e tomar um lanche. Nas paredes do café do museu, também havia obras do acervo que não eram consideradas as mais importantes ou significativas e nem sequer estavam lá através de uma curadoria muito exigente. No entanto, me dei conta de que ficamos a conversar mais de uma hora sobre uma das obras que estavam na parede do café. Simplesmente viajamos, rimos e choramos com as ideias que a obra nos sugeriu. Avaliei que realmente a obra do café foi o ponto alto da visita. Depois, ao pensar sobre essa visita, me dei conta de que o motivo pelo qual a obra do café foi o ponto alto da experiência não estava diretamente relacionado com a obra, mas com o fato de que estávamos sentados em poltronas confortáveis em um ambiente mais acolhedor, tomando café. Essa situação de conforto melhorou a nossa experiência. Foi então que decidimos encher o museu de sofás!”<sup>9</sup>

Nesta perspectiva da Somaestética, podemos pensar que a prática do *Yoga no Museu* pode melhorar a leitura das obras expostas através de um engajamento somático maior do visitante.

#### 4. ENSINO DE ARTE SEGUNDO A SOMAESTÉTICA: APERFEIÇOAMENTO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Pensar no ensino de arte na perspectiva da Somaestética pressupõe, sobretudo, retomar o desenvolvimento dos sentidos como objetivo central do ensino de artes visuais. A perspectiva da Somaestética situa esse ensino em uma esfera ampliada, prazerosa e somática da experiência (estética) que pode ser identificada na vida cotidiana. Isso porque ela não se configura como apenas discurso teórico; também pode ser incorporada em nossa vida: em ações e práticas estéticas úteis para viver com mais prazer e mais intensamente.

A característica de aprimoramento apresentada pela Somaestética pode oferecer grandes contribuições para o campo do ensino da arte, pois atribuem às experiências estéticas um objetivo de aprimoramento da nossa vida; uma visão de que o contato com a arte através do cultivo e da educação de nossos sentidos proporciona experiências (estéticas) na vida. Nessa perspectiva, há um caminho duplo em que a experiência estética nasce do *soma (corpo)* e tem a capacidade de melhorar nossa propriocepção, nossos sentidos, nossa capacidade de reconhecimento de experiências. Noutros termos, a Somaestética é uma proposta que ajuda a compreender e desfrutar experiências estéticas mediante uma conexão com o nosso soma (corpo); também defende que o soma (corpo) pode ser aprimorado e transformado através das mesmas experiências estéticas.

A Somaestética anuncia que as experiências estéticas que se centram em nosso soma podem ocorrer em contextos não artísticos. A experiência de *flow*<sup>10</sup>, a descoberta de uma postura ou a consciência de uma parte de nosso corpo podem nos prover

9. (livre adaptação da fala de Ricardo Rubiales, na época Asesor de la subdirección de Mediación- Museo del Palacio de Bellas Artes). RUBIALES, Ricardo. Conferência [CECA]. Rio de Janeiro: ICOM, 2013. Notas de workshop.

10. *Flow* pode ser traduzido como fluxo ou fluir; mas, como conceito desenvolvido por Mihaly Csikszentmihalyi (1988), prefiro utilizar sua versão original em inglês, que já está de certa forma incorporada no campo da psicologia positiva (KAMEY, 2010). O estado de *flow* compreende motivação, foco e envolvimento fortes, perda da noção de tempo, sensação de prazer e conquista (quando parece que as coisas dão certo). Tal experiência se faz presente em atividades como

com sensações de beleza e/ou de natureza estética intensas. Muitas vezes, a consciência interna do nosso corpo, através da propriocepção, fornece-nos prazeres estéticos imensos.

Existe uma intenção de aprimoramento pessoal através da experiência estética que é implícita na Somaestética, pois a apreciação sensorial e a nossa cognição se desenvolvem através do uso adequado do nosso soma (corpo). Em muitas dimensões da vida, a *performance* pode ser aprimorada com um ensino de arte que siga a proposição da Somaestética. Nosso soma(-corpo) é o lugar onde nos expressamos através de nosso auto-cultivo. Através dele formamos nosso estilo de vida. Toda a nossa *performance* depende desse soma(corpo): toda ação que propõe seu desenvolvimento possibilita não só o aumento de prazeres estéticos em ações pontuais, mas também auxilia nossas ações cotidianas.

Ao assumir tal proposição de possibilitar o aperfeiçoamento dos seres e a aplicação prática para a vida, a Somaestética propõe uma conciliação e um caminho mediano através do qual as pessoas possam pensar em suas vidas cotidianas e suas práticas estéticas. Ressalte-se que uma grave consequência do discurso de autonomia da arte é que ao separar a arte da vida, separam-se também as experiências estéticas da arte das experiências (pobres e duras) da vida. É como se tivéssemos uma vida cotidiana pífia e se pudéssemos ter experiências valorosas apenas na arte. Livros de autoajuda e práticas afins (tais como *workshops* de natureza diversa para melhorar a vida em um fim de semana) são populares hoje, talvez, porque arte e filosofia tenham se distanciado da vida cotidiana; tenham se fechado em um discurso de gênero acadêmico, muitas vezes, hermético demais para pessoas comuns, ou seja, não afeitas ao ambiente acadêmico (MIDDLE WAY SOCIETY, s. d.). Um discurso purista de autonomia da arte neutraliza sua potência de aprimorar a vida cotidiana.

Consideramos que há muito caminho a percorrer para disseminar a ideia de união da arte com vida no campo do ensino de arte. Acreditamos que as intenções de relacioná-las (arte e vida) pode trazer o ensino de arte para o centro da formação e fortalecer o reconhecimento da arte no campo do conhecimento. Também, valorizar o aspecto de que o ensino de arte pode desenvolver o soma (corpo) – que envolve cognição, raciocínio, sensibilidade, emoções e outros – refuta a ideia de que o ensino de arte seria apenas “acessório” complementar no processo de desenvolvimento cognitivo.

Ademais, a Somaestética oferece uma teoria valiosa, porque permite desenvolver uma reflexão acerca das experiências estéticas, e apresenta uma visão mais inclusiva das práticas culturais presentes nas salas de aulas e nos centros culturais. Muitas experiências estéticas que nem o soma e que nos circundam (como o carnaval, as congadas, etc) – e que são comumente relegadas – podem ser pensadas pelos educadores, os quais podem construir suas próprias teorias e repertórios da arte. As proposições teóricas da Somaestética recobram a importância dos educadores de arte na construção das teorias da arte; elas os retiram de uma posição hierárquica inferior no campo das artes visuais para lhes atribuir um novo lugar fundamental.

Enfim, essa perspectiva desfaz a ideia de que os educadores seriam especialistas dedicados aplicar no ensino e na aprendizagem uma arte concebida e pensada num campo teórico superior. Estes (os educadores) passam, também, a pensar sobre a natureza da experiência estética e promover ações passíveis de revelar até mesmo experiências estéticas não reconhecidas na historiografia da arte ocidental. Mais: ao ampliarem as possibilidades somáticas e sensoriais, promovem uma vida melhor (dentro e/ou fora dos espaços de arte).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CSIKSZENTMIHALYI, I. S. (1988), *Optimal experience: psychological studies of flow in consciousness*, Nova York: Cambridge University Press.
- DEWEY Dewey, John (1987): *Art as Experience, The Later Works, 1925-1953*. Volume 10: 1934, Carbondale: Southern.
- HUBARD, O (2007). Complete engagement: Embodied response in art museum education. *Art Education*, 60(6), 46-53.
- JAMES, William (1918). *The principles of psychology*. New York: Dover Publications.
- KAMEY, H. H. (2010), *Flow: o que é isso? Um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da Psicologia Positiva*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MIDDLE WAY SOCIETY. (2015), *The MWS Podcast 67: Richard Shusterman on Somaesthetics and the Middle Way*. [podcast]. June, 28, <http://www.middlewaysociety.org/the-mws-podcast-67-richard-shusterman-on-somaesthetics-and-the-middle-way/>.
- PETRINI, C. (2009), *Slow food: princípios da nova gastronomia*, São Paulo: ed. SENAC.
- RUBIALES, Ricardo. Conferência [CECA]. Rio de Janeiro: ICOM, 2013. Notas de workshop.
- SHUSTERMAN, R. (1999), Uma casa dividida, *Revista de Artes Visuais*, v. 10 (n. 19), p. 74–7. (a)
- SHUSTERMAN, R. (1999), Somaesthetics: a disciplinary proposal, *Journal of Aesthetics and Art Criticism* (n. 57), p. 299–313. (b)
- SHUSTERMAN, R. (1998), *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*, São Paulo: editora 34.
- SHUSTERMAN, R., Pensar através do Corpo, educar para as humanidades: um apelo para a Soma-estética, *Marte – Performance da Assoc. Estudantes da Faculdade de Belas Artes da Univ. de Lisboa* (n. 3), p. 99–117, 2008.
- SHUSTERMAN, R. (2011), Pensar através do corpo, educar para as humanidades: um apelo para a somaestética. *Philia & Filia – dossiê: o mal-estar na cultura e na sociedade*, v. 2 (n. 2), p. 5–33.
- SHUSTERMAN, R. (2012), Arte como religião, *Redescrições – revista on-line do GT de Pragmatismo*, ano 3 (n. 3), p. 83–103.

---

criação artística ou científica, prática esportiva e outras ações da vida cotidiana. Acredito que, em certa medida, esse conceito se assemelhe ao que dizem Dewey e Shusterman sobre experiência estética.

- SHUSTERMAN, R. (2012), *Consciência corporal*, Rio de Janeiro: E Realizações.
- SHUSTERMAN, R. (2013), Um pensamento sobre o humor extenuante: o pragmatismo como uma filosofia do sentimento. *Redescrições* – revista do GT de Pragmatismo, ano 5(n.1), p. 47–71.

## CURRÍCULO

### **Luciana Mourão Arslan**

Na Universidade Federal de Uberlândia é docente e desenvolve o projeto Yoga no Museu (grupo SOMAestética e FAPEMIG). Doutora pela Universidade de São Paulo, realizou estágio na Universitat de Barcelona, Espanha (bolsa Santander) e pós doutorado no Center for Body, Mind and Culture na Florida Atlantic University, Estados Unidos (bolsa CAPES). Tem livros publicados pela Editora Moderna, Thomson Learning e EDUFU.